



Revista eletrônica de ciências sociais aplicadas.

ISSN: 1980-0193

ARTIGOS COMPLETOS/COMPLETS ARTICLES

ABORDAGEM DAS CONFIGURAÇÕES NOS ESTUDOS EM EMPREENDEDORISMO: CRÍTICAS, OPORTUNIDADES E DESAFIOS METODOLÓGICOS

Cristiano de Oliveira Maciel⁽¹⁾

Elói Júnior Damke⁽²⁾

Camila Camargo⁽³⁾

Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PUC-PR

RESUMO

A abordagem das configurações tem alcançado crescente grau de sucesso na explicação do comportamento empreendedor. Assim como a maioria das perspectivas em crescimento e com significativa aceitação por parte da comunidade científica da área, o desenvolvimento dos estudos sobre configurações tem se dado frequentemente de forma acrítica. Logo, visando à elaboração dessa perspectiva, pretendeu-se com o presente trabalho, apresentar um conjunto de reflexões acerca da natureza da abordagem no campo dos estudos em empreendedorismo, das críticas de ordem conceitual e metodológica, das oportunidades de avanço a partir de tais críticas e de possíveis formas de enfrentamento dos desafios metodológicos. Como conclusão aponta-se no artigo que o fenômeno empreendedorismo é marcadamente complexo, composto e influenciado por vários elementos, e, por consequência, exige uma abordagem com certas especificidades para dar conta de explicar tal multiplicidade de fatores que formam o construto. Em adição, ressalta-se que existem diversas críticas ainda a serem respondidas pelos pesquisadores que adotam essa abordagem, bem como, há possibilidades de avanço a partir da sua reflexão.

PALAVRAS-CHAVE: configurações; empreendedorismo; desafios metodológicos.

CONFIGURATIONS APPROACH IN ENTREPRENEURSHIP STUDIES: CRITICAL REVIEWS, OPPORTUNITIES AND METHODOLOGICAL CHALLENGES

ABSTRACT

The configurations approach has achieved an increasing level of success in explaining entrepreneurial behavior. As most of the perspectives in growth with significant acceptance by the scientific community, the development of studies about configurations has often occurred uncritically. Therefore, aiming at the elaboration of this perspective, this paper

Perspec. Contemp., Campo Mourão, v. 4, n. 2, p. 38-57, jul./dez. 2009.

ISSN: 1980-0193

intended to present a set of reflections concerning the nature of the approach in the entrepreneurship studies field, conceptual and methodological criticisms, opportunities to advance from such criticisms and possible ways of coping with methodological challenges. As a conclusion, the paper highlights the entrepreneurship phenomenon as remarkably complex, which is composed and influenced by several elements, and it consequently requires a specific approach to explain the multiplicity of elements that structure the construct. In addition, there are several criticisms to be answered by researchers who adopt this approach as well as there are opportunities to advance from the researchers' reflection.

KEYWORDS: configurations; entrepreneurship; methodological challenges.

INTRODUÇÃO

O número de perspectivas de análise na área de pesquisa sobre empreendedorismo é acentuada (DAVIDSON, 2008). As teorias empregadas variam desde a Abordagem Econômica e Organizacional (RUMELT, 2005), até a Ecologia das Populações (CARROLL; KHESSINA, 2005) e a Teoria Neo-Institucional (HWANG; POWELL, 2005).

Mas qual a lacuna em comum dentre todas essas alternativas teóricas de investigação? Todas essas perspectivas sustentam uma natureza atomizada. Elas levam o pesquisador a considerar um componente do comportamento empreendedor ou característica associada a ele por vez. "Como qualquer outra pesquisa, a maioria das pesquisas em empreendedorismo lida ao menos em parte sobre como uma ou mais circunstâncias ou fatores (variáveis explanatórias) contribuem para produzir um ou mais resultados (variáveis dependentes)" (DAVIDSON, 2008, p. 103).

É nesse sentido que Davidson (2008) considera primordial a compreensão acerca do modo com que os diferentes componentes do comportamento empreendedor trabalham juntos.

Existe uma necessidade em se investigar, não somente variáveis em relações bivariadas, par a par, ou multivariadas (DAVIDSON, 2008), mas sim, de se debruçar sobre conjuntos ou arquétipos de características associadas ao comportamento empreendedor, tais como condições organizacionais, contextuais e atributos individuais. Entretanto, esse objetivo só pode ser privilegiado à medida que a área de empreendedorismo absorva mais substancialmente a perspectiva das Configurações

Organizacionais como uma alternativa viável de investigação. Tal abordagem pode contribuir com a necessidade em se construir arquétipos internamente consistentes de características associadas ao empreendedorismo com vistas a transpor a acentuada heterogeneidade de traços psicológicos dos indivíduos e dos atributos contextuais e organizacionais (DAVIDSON, 2004).

Essa abordagem, que tem permeado os estudos organizacionais nas últimas décadas, tem se estabelecido como uma perspectiva voltada para a investigação de conjuntos de atributos que representam arquétipos ou *gestalts* organizacionais (MILLER, 1987). Meyer, Tsui e Hinings (1993, p. 1175), por exemplo, usam o termo 'configuração organizacional' "para denotar qualquer constelação multidimensional de características conceitualmente distintas que comumente ocorrem juntas".

Essa noção de configurações nos estudos organizacionais (e.g., PUGH; HICKSON; HININGS, 1969; MINTZBERG, 1979) e mais especificamente nas áreas de estratégia e empreendedorismo, tem dado forma a uma frutífera linha de investigação (MILLER, 1986; MILLER; FRIESEN, 1978) chegando, inclusive a compor uma escola de pensamento em estratégia (MINTZBERG; AHLSTRAND; LAMPEL, 1998).

Apesar do crescente interesse dos pesquisadores pelas configurações, assim como outras teorias ou perspectivas de pesquisa que alcançam relativo sucesso, atualmente a abordagem das configurações pode ser considerada fortemente acrítica. Defende-se aqui, portanto, a necessidade em levantar críticas, considerá-las e propor alternativas para sua superação com vistas ao desenvolvimento dessa abordagem nos estudos sobre empreendedorismo.

Logo, com o objetivo de contribuir para a elaboração dessa perspectiva, o presente trabalho se orienta pelas seguintes perguntas de pesquisa: Qual a natureza da abordagem das configurações? Quais as principais críticas dirigidas a ela? Quais as oportunidades de avanço a partir dessas críticas? Quais as alternativas para enfrentamento dos desafios metodológicos?

Para propor respostas a essas questões, o artigo está estruturado da seguinte forma após essa breve introdução: natureza da abordagem das configurações em

empreendedorismo; críticas, oportunidades e desafios metodológicos; e, considerações finais.

2 NATUREZA DAS CONFIGURAÇÕES EM EMPREENDEDORISMO

Nesta seção, apresenta-se a revisão de literatura sobre empreendedorismo e abordagem das configurações para tornar mais clara sua concepção. Para tanto, na revisão sobre empreendedorismo, destaca-se a necessidade em se observar de modo não linear a relação entre os componentes constituintes desse fenômeno e na discussão sobre como abordagem das configurações é explorada a essência conceitual da noção de tipos organizacionais comuns e a necessidade de sua extensão às pesquisas em empreendedorismo.

2.1 EMPREENDEDORISMO

Apesar da multiplicidade de definições para o fenômeno empreendedorismo, há relativo consenso acerca de algumas de suas dimensões e características centrais. Em sua essência reside a idéia de ação - a noção de empreendedorismo como qualquer outra atividade humana. Essa característica se estabelece fundamentalmente no plano comportamental, que por sua vez está relacionada a variáveis atitudinais, valores e traços psicológicos do empreendedor que influenciam a ação, bem como, está associado a resultados desses comportamentos, nos níveis individual, de grupo, organizacional e social. Essa ênfase na ação é notória na maior parte das definições de empreendedorismo, como apontadas a seguir:

- Empreendedorismo centra num processo de mudança, eclosão e criação de um novo valor (BRUYAT; JULIEN, 2000). Desse modo, o empreendedor é um ser humano capaz de criar, apreender e influenciar o ambiente (BRUYAT; JULIEN, 2000).
- Empreendedorismo é a criação de alguma coisa que não existia previamente com objetivo de alcançar lucro e crescimento (CARLAND et al., 1984).

- Empreendedorismo ocorre por meio de comportamentos baseados em inovação, que exigem mudanças no padrão de emprego de recursos e criação de novas capacidades para adicionar novas possibilidades de posicionamento de mercado (STOPFORD; BADEN-FULLER, 1994).
- Empreendedorismo é o processo pelo qual indivíduos perseguem oportunidades sem considerar os recursos controlados, implica em mais do que abrir um novo negócio e sim em um modo de gestão diferente do tradicional (STEVENSON; JARILLO, 1990).
- Empreendedorismo centra na descoberta e exploração de oportunidades lucrativas (SHANE; VENKATARAMAN, 2000).

Em decorrência dessa concepção centrada na ação, o papel do agente ou ator que desempenha tal comportamento, a figura do empreendedor torna-se o ponto de partida dos estudos sobre empreendedorismo.

Do binômio empreendedor-empreendedorismo, que representa a interdependência e reciprocidade entre sujeito e ação, configura-se o campo de estudos sobre empreendedorismo. E da delimitação desse campo é possível extrair as principais dimensões ou características que compõem o construto empreendedorismo.

Assim, sem a pretensão de esgotar a lista de dimensões utilizadas para descrever e analisar a atividade do empreendedor, os principais elementos podem ser resumidos no seguinte conjunto de características comportamentais voltadas à criação de valor:

- Descoberta e criação de oportunidades: identificação das condições organizacionais e contextuais que possibilitam a inovação (ALVAREZ; BARNEY, 2007).
- Inovação: delineamento e construção de algo não esperado ou antes dado como impossível de se produzir (COVIN; SLEVIN, 1989; LYON; LUMPKIN; DESS, 2000; NAMAN; SLEVIN, 1993).
- Tomada de risco: atitude e comportamento arrojado, voltado para a aceitação de grandes riscos que são potencialmente compensados por

expectativas de ganho futuro (CARLAND et al., 1984; COVIN; SLEVIN, 1989; COOPER; DUNKELBERG, 1986; NAMAN; SLEVIN, 1993).

- Agressividade competitiva: assertividade no sentido do estabelecimento de ações com significativo potencial de impacto sobre a concorrência (COVIN; SLEVIN, 1989).
- Proatividade: antecipação na solução de problemas e identificação de oportunidades (COVIN; SLEVIN, 1989; NAMAN; SLEVIN, 1993).
- Autonomia: iniciativa e sentido de responsabilidade por ações organizacionais que se fazem necessárias (COVIN; SLEVIN, 1989).

O fato é que, esse parcimonioso conjunto de ações do sujeito que empreende e, portanto busca oportunidades para criar valor abre espaço para a consideração de uma enorme diversidade de antecedentes e consequentes do fenômeno. Como afirmam Bruyat e Julien (2000), o empreendedorismo deve ser visto como um fenômeno complexo e heterogêneo.

E a julgar pela complexidade do fenômeno é preciso admitir a necessidade de uma perspectiva mais plural em relação à observação de seus vários componentes constituintes e outros associados ao comportamento empreendedor. Nesse sentido, uma diversidade de pesquisadores tem se debruçado sobre a idéia de desenvolvimento de configurações ou arquétipos para a compreensão do empreendedorismo (KORUNKA et al., 2003).

O próximo tópico discorre sobre a natureza da abordagem das configurações destacando as características que oferecem alternativas para agregação das várias dimensões do empreendedorismo.

2.2 ABORDAGEM DAS CONFIGURAÇÕES

De acordo com Mintzberg, Ahlstrand e Lampel (1998), a eficácia das organizações não se explica pela presença de um ou outro atributo específico, mas sim pela correlação de vários atributos que produzem interações entre si e se complementam. Esta característica de complementaridade e interdependência

caracteriza o que diversos pesquisadores denominam configuração (MILLER; FRIESEN, 1984; MILLER, 1987; MILLES; SNOW, 1978).

No entendimento de Meyer, Tsui e Hinings (1993), esses atributos e seus padrões, frequentemente interdependentes, não podem ser observados na sua individualidade, mas sim, holisticamente, partindo do princípio de que as partes de uma entidade social tomam significado quando avaliadas no todo e não isoladamente. A tônica da abordagem configuracional para o campo da pesquisa organizacional, em sentido amplo, reside na premissa da habilidade de alinhamento de certos atributos organizacionais ao ambiente, associado a comportamentos específicos.

Conforme Crubellate, Grave e Gimenez (2005, p. 2), uma das importantes contribuições da escola das configurações como abordagem de pesquisa, refere-se a uma de suas principais características, que é a transição de uma visão baseada em pressupostos positivistas para entender a estratégia (a exemplo das propostas das escolas de planejamento e posicionamento), para uma perspectiva que adota “pressupostos menos realistas quanto à natureza dos fenômenos das organizações, de seus ambientes e das estratégias”. As pesquisas da escola da configuração nesse sentido alteram o enfoque prescritivo para uma abordagem construtivista da estratégia enquanto processo de configuração da realidade, para outra visão que em maior ou menor grau adota pressupostos menos realistas quanto à natureza dos fenômenos da organização.

As organizações, na perspectiva da escola da configuração, constroem sua história baseada em períodos alternados de estabilidade e transformação. Em sentido amplo, Mintzberg (1990) refere-se a esta escola como sendo da configuração e da transformação, ou seja, em estados organizacionais atuais e seu contexto permite uma determinada configuração no ambiente, enquanto o processo de produzir estratégias no sentido de adaptação ao ambiente pode ser visto como uma transformação.

Nesse sentido, Mintzberg (1990, p. 224) estabelece algumas premissas dessa escola: (i) na maior parte das vezes, uma organização pode ser descrita em termos de

algum tipo de configuração estável de suas características; (ii) esses períodos de estabilidade são ocasionalmente interrompidos por algum processo de transformação, também chamado de salto quântico para outra configuração; (iii) esses estados sucessivos de configuração e períodos de transformação podem se ordenar ao longo do tempo, em sequências padronizadas; (iv) a chave para a gestão estratégica, portanto, é sustentar a estabilidade ou, no mínimo, ser capaz de reconhecer e de se adaptar às necessidades de rápida transformação; (v) dessa forma, o processo de formulação de estratégias pode ser de concepção conceitual ou planejamento formal, análise sistemática ou visão estratégica, aprendizado cooperativo ou politicagem competitiva, focalizando cognição individual, socialização coletiva ou a simples resposta às forças do ambiente, cada uma em seu próprio tempo e contexto; (vi) as estratégias resultantes assumem a forma de planos ou padrões, posições ou perspectivas ou manobras para enganar a concorrência, também em função do contexto.

Mintzberg (1990), ressalta que pesquisadores da escola das configurações identificaram estágios pelos quais as organizações podem posicionar-se. Estes estágios caracterizam-se como estágio de desenvolvimento, estabilidade, adaptação e de empenho na busca de uma nova direção e de revolução pautada com rápidas transformações, sendo que as mudanças entre estes estados identificados pelos pesquisadores permeiam-se por quatro padrões principais: (i) choques periódicos - longos períodos de instabilidade interrompidos por períodos ocasionais de revolução; (ii) oscilações - estágios de convergência adaptativa para a estabilidade foram seguidos por outros de esforços divergentes por mudanças, às vezes em ciclos surpreendentemente regulares; (iii) ciclos de vida - momento em que um estágio de desenvolvimento foi seguido por um estágio de estabilidade; (iv) progresso regular - período em que uma organização empenha-se em adaptação constante.

Apoiando e reforçando Mintzberg (1990), outro estudioso da abordagem configuracional caracterizou o estado de estratégia, estrutura, situação e processo como arquétipo - modelo/padrão, e as transições entre os arquétipos como sendo transições quânticas, ou seja, transições bruscas (MILLER, 1987). Na visão deste

autor, as transições entre arquétipos caracterizam-se por um processo de mudanças de muitos elementos ao mesmo tempo quando comparada às mudanças gradativas, que sugerem um elemento por vez. Nesta concepção, os conceitos arquétipo seguido de mudanças quânticas, estratégicas e estruturais reforçam as teorias configuracionistas de Mintzberg (1990).

Nesta linha, uma das ênfases da abordagem das configurações estabelece-se em pesquisas sobre como “... variáveis estruturais, ambientais e estratégicas parecem se agrupar estreitamente para produzir *gestalts* ou configurações comuns (MILLER; FRIESEN, 1984, p. xiii). Nesta perspectiva, Crubellate, Grave e Gimenez (2005, p. 3) observam que o foco de estudos em configurações “recai frequentemente sobre as organizações enquanto o objeto que se torna configurado em decorrência da ação gerencial estratégica e de forças evolutivas desencadeadas pelo contexto ambiental, ou seja, organizações devem ser tratadas como “[...] entidades complexas cujos elementos de estrutura, estratégia e ambiente têm uma tendência natural a se combinar em ‘estados quânticos’ ou ‘configurações’” (MILLER; FRIESEN, 1984, p. 1).

Logo, é necessário ressaltar que é justamente essa ótica não atomizada dos elementos organizacionais e voltada para a ação que precisa ser transposta para o campo dos estudos em empreendedorismo. Assim como no caso das organizações a atividade empreendedora é caracterizada, no plano das análises, fundamentalmente por sua complexidade.

Tal amplitude de diversidade de elementos constituintes do construto empreendedorismo, bem como, seus antecedentes e consequentes podem ser mais adequadamente compreendidos somente por meio de uma perspectiva mais holística.

Entretanto, apesar das vantagens dessa abordagem para os estudos em empreendedorismo, são diversas as críticas endereçadas aos proponentes e seguidores da escola da configuração, como será visto no próximo tópico.

3 CRÍTICAS, OPORTUNIDADES E DESAFIOS METODOLÓGICOS

Neste tópico, discute-se a utilização da abordagem das configurações na pesquisa em empreendedorismo à luz das críticas que têm sido direcionadas a ela, oportunidades de avanço da perspectiva e enfrentamento dos desafios metodológicos inerentes à abordagem.

3.1 CRÍTICAS

No que concerne às críticas, estas são voltadas tanto ao conceito em si quanto aos procedimentos metodológicos utilizados nas pesquisas que se enquadram nesse campo. Sob o rótulo de “McGillomania” os pesquisadores da McGill University foram acusados de que as configurações, resultado da abordagem típica de alguns dos teóricos dessa Universidade, é falha em termos teóricos (MINTZBERG; AHLSTRAND; LAMPEL, 1998).

De acordo com Donaldson *apud* Mintzberg, Ahlstrand e Lampel (1998), a realidade das organizações para executivos ou mesmo mestres em administração está entre os tipos organizacionais comuns, e as *gestalts* organizacionais nunca são identificadas da forma como fazem crer as descrições das configurações. Para Lex Donaldson, o que esses executivos precisam de uma estrutura que permita mapear suas experiências, uma estrutura que produza como resultado prescrições bastante diferenciadas e gradativas. Segundo esse autor, na prática, as configurações oferecem pouco auxílio tanto ao gerente quanto ao pesquisador.

Outra crítica de Donaldson se refere à dicotomia assumida por essa escola de pensamento acerca da estabilidade ou mudança quântica, pois as organizações mudam, na maior parte do tempo, por meio de processos incrementais. Nesses termos, se todas as configurações têm problemas por que recorrer a essa forma de teorização?

A resposta de Mintzberg, Ahlstrand e Lampel (1998) a essas críticas foi a de que Donaldson tem como critério a precisão, assim a idéia de que teorias são verdadeiras ou falsas não resistiria à críticas. Para esses autores todas as teorias são falsas porque a realidade sempre é mais complexa.

Contudo, percebe-se que o critério de precisão também contamina a posição de Mintzberg, Ahlstrand e Lampel (1998) quando eles assumem que todas as teorias são falsas. Defende-se aqui que um critério mais adequado e flexível para exame das teorias seria a noção de falseamento de Karl Popper. Na lógica de Popper (1975), as teorias são conjecturas – verdades temporárias à disposição de tentativas de falseamento e substituição por outras teorias com maior conteúdo informativo que a teoria anterior (falseada).

Em adição há de se questionar a própria posição daqueles que se associam a escola das configurações: Mintzberg, Ahlstrand e Lampel (1998) afirmam que as configurações são produto da imaginação ou mesmo a falta dela. Estariam esses autores admitindo a simplicidade dessa abordagem?

Para além das críticas conceituais, uma crítica de metodologia que deve ser apontada discorre sobre a crença na agregação. Pesquisadores que usam a abordagem das configurações com auxílio de métodos quantitativos frequentemente recorrem à Análise de *Cluster* para geração de taxonomias – tipos organizacionais gerados empiricamente. Entretanto, nada tem garantido que essas configurações não são criadas por força do próprio algoritmo da Análise de *Cluster*.

Uma leitura flutuante dos estudos empíricos sobre configurações denuncia certa despreocupação com a validação da solução final das análises de agrupamentos. A julgar por esses trabalhos existe uma desconsideração dos procedimentos de validação, quer seja por meio da replicação do estudo ou por meio de outras técnicas estatísticas, como análise de *cluster* com algoritmos alternativos e verificação da homogeneidade interna dos *clusters* (configurações), o que leva a outra questão: as configurações realmente existem?

Em relação às propostas de tipologias – tipos organizacionais comuns gerados teoricamente – os procedimentos de validação também não são frequentes e quando ocorrem normalmente não é por meio de replicação da investigação.

Nesses termos, considerando as críticas supracitadas, as configurações podem trazer viés à análise dos pesquisadores da área. Diferentes configurações não passam de “teorias de médio alcance”, termo cunhado por Robert King Merton, que servem

apenas para simplificar a complexidade da realidade organizacional por meio de conjuntos de atributos ou características de modo quase independente do contexto no qual estão situadas as organizações. Em resumo, as teorias de médio alcance não são totalizantes em seu poder explanatório, mas servem para generalizar em algum grau determinado resultado empírico.

3.2 OPORTUNIDADES DE AVANÇO DA ABORDAGEM

A partir da reflexão dessas críticas surgem algumas oportunidades para o avanço dos estudos sobre configurações na área de empreendedorismo.

Como primeiro ponto, destaca-se a necessidade e oportunidade de avanço da abordagem das configurações a partir de uma discussão epistemológica, do que se entende por teoria, para que seja repensada a posição de precisão que está impregnada na idéia de que todas as teorias são falsas, conforme colocado por Mintzberg, Ahlstrand e Lampel (1998). A noção popperiana de que todas as teorias são conjecturas – verdades temporárias – pode fazer essa abordagem se desenvolver à medida que os pesquisadores da área reconheçam as limitações de uma idéia centrada na falsidade de toda teoria.

No que concerne à utilização de tipologias ou taxonomias no campo de estudos sobre configurações, outra oportunidade é reconhecer a fragilidade teórica da tentativa de generalização da descrição da configuração como um fim em si mesmo. É necessário posicionar essa abordagem não apenas como uma justificativa para gerar taxonomias *ad hoc*, mas principalmente verificar a influência da configuração como um todo sobre variáveis que representam os consequentes organizacionais, como o desempenho. Desse modo seria mais fácil definir a utilidade das configurações para teste de hipóteses, posicionando a configuração ou o pertencimento a uma ou outra configuração, como fator explicativo da variação do desempenho (FISS, 2007).

O exame da influência da configuração em sua totalidade sobre o desempenho organizacional, por exemplo, é capaz de validar a noção de que “organizações são mais bem entendidas como conjuntos de estruturas e práticas interconectadas, ao

invés de entidades modulares ou frouxamente em que seus componentes podem ser compreendidos de forma isolada” (FISS, 2007, p. 1180).

Em relação aos procedimentos metodológicos faz-se necessário advogar em favor da lógica de replicação de estudos nacionais e internacionais, pois esse tipo de investigação não tem sido de fato empregado. Essa preocupação abre um sem número de possibilidades de pesquisa. Em adição é possível discutir novos procedimentos de validação da própria solução da análise de *cluster*, quer seja dividindo a amostra total e gerando taxonomias com as duas subamostras, quer seja por meio de utilizações de algoritmos concorrentes para Análise de *Cluster* e testes de homogeneidade.

A partir da reflexão sobre os pontos anteriores é possível ainda estender a abordagem das configurações para outros níveis que transcendem o organizacional. Meyer, Tsui e Hinings (1993) destacam a necessidade de não atomizar as interconexões essenciais das organizações e até mesmo aplicar a abordagem das configurações em nível de grupo e do indivíduo. Para a área de empreendedorismo isso representa se debruçar sobre conjuntos de características pessoais do empreendedor, ou mesmo sobre grupos de empreendedores ou intraempreendedores.

3.3 ALTERNATIVAS PARA ENFRENTAMENTO DOS DESAFIOS METODOLÓGICOS

Contudo, para que as oportunidades de avanço no campo sejam efetivamente levadas a cabo faz-se necessária a consideração de alternativas, sobretudo metodológicas que servem também ao propósito de enfrentamento dos desafios associados a essa abordagem.

A primeira alternativa de enfrentamento desses desafios que se colocam é a de uma discussão epistemológica acerca da abordagem das configurações. Faz-se necessário, portanto, esclarecer o que os adeptos dessa perspectiva entendem por teoria e delimitar sua utilidade e amplitude, sobretudo quanto à idéia de teorias de médio alcance.

No que tange a técnicas de tratamento de dados e resultados de estudos empíricos, é preciso avançar na discussão sobre as vantagens e desvantagens de diferentes algoritmos para a Análise de *Cluster* e validade de comparações, quão significativo se torna o elemento homogeneidade interna na contraposição de diferentes agrupamentos e delimitar critérios específicos para a replicação de estudos sobre configurações. Critérios específicos seriam necessários em função de se tratar de uma teoria de “médio alcance”.

Outra alternativa de pesquisa centra na noção de estudo com dimensão temporal longitudinal. Esse tipo de investigação pode tornar mais claro os conceitos de mudança incremental e quântica (em que diversos fatores mudam ao mesmo tempo por meio de saltos).

Para combater a crítica da crença na agregação seria conveniente o desenvolvimento de estudos de caso e outros métodos qualitativos para identificação dos temas que orquestram outras variáveis que compõem diferentes configurações. De acordo com Miller (1996, p. 509), configurações “podem ser definidas como o grau que os elementos de uma organização são orquestrados e conectados por um único tema”. Nesses termos, estudos qualitativos podem oferecer oportunidades particularmente promissoras na verificação da existência ou não das interdependências teóricas entre uns e outros elementos, como advoga Miller (1996).

Estudos com método misto de investigação, principalmente com aprofundamento de estudos de alguns casos enquadrados em diferentes configurações, também se mostram alternativas viáveis de enfrentamento dos atuais desafios metodológicos que se impõem a essa abordagem.

Creswell (2007) esclarece que o método misto de pesquisa se dá a partir da coleta de dados de maneira tanto simultânea como sequencial. Assim, pesquisadores que fazem uso da abordagem das configurações teriam condições de gerar taxonomias (classificações empíricas) e explorar casos particulares dentro de cada um dos tipos organizacionais identificados ou iniciar por métodos qualitativos seguidos de explorações quantitativas.

Na tentativa de estender sua utilidade, bem como, esclarecer a aplicação do conceito de configurações e desenvolver novos métodos é necessário inserir gradativamente a lógica de *gestalts* na investigação de novos temas de pesquisa. Novos temas de pesquisa podem impor novas situações em termos metodológicos para a abordagem das configurações que a façam efetivamente avançar.

Cabe destacar que diversos temas ainda não trabalhados dentro dessa perspectiva são permeáveis à lógica das configurações: configurações das práticas sociais dos empreendedores, de suas redes sociais (RAMACHANDRAN; RAY, 2008), das características de oportunidades (PUHAKKA, 2007), dos principais desafios ao empreendedorismo (SHUKLA, 2004), dos impactos econômicos e sociais (HANSSON, 2008), das características cognitivas e mais especificamente emotivas (DAS, 2008), e das características do intraempreendedorismo (VEENKER et al., 2008).

Em seu conjunto, a discussão sobre os temas e os procedimentos metodológicos supracitados pode demarcar os limites de novas vias para elaboração da abordagem das configurações no campo de empreendedorismo, bem como, apresentar respostas às principais críticas endereçadas a ela.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já colocado, o interesse pela natureza da abordagem das configurações, às críticas dirigidas a essa perspectiva, às oportunidades de avanço e às alternativas de enfrentamento dos desafios metodológicos guiaram o desenvolvimento do presente trabalho. Após uma revisão de conceitos, análise de contra-argumentos e de alternativas metodológicas as seguintes respostas, ainda em construção, podem ser apresentadas:

Conclui-se que a natureza das configurações nos estudos sobre empreendedorismo se assenta tanto no próprio comportamento empreendedor quanto nas variáveis antecedentes e consequentes desse construto. Dessa forma, tanto os fatores que explicam o empreendedorismo quanto o produto final desse comportamento constituem o conjunto de imperativos à disposição dos pesquisadores para a geração de tipologias e taxonomias nesse campo. Logo, é

possível destacar que é grande a amplitude de variáveis a serem utilizadas no delineamento de *gestalts* ou configurações, o que exige um tratamento mais plural, que dê espaço para levantamento das interdependências entre os vários componentes do construto empreendedorismo e outros a ele associados.

Em relação às críticas elas são de ordem conceitual e metodológica. É preciso rever ao nível epistemológico, as vantagens e a validade real das teorias de médio alcance, que é o caso das teorias produzidas por meio do emprego da abordagem das configurações. Em termos metodológicos as críticas são mais severas e variadas ainda. Percebe-se descuido na aplicação de técnicas de geração das taxonomias (classificações empíricas) tanto no critério de homogeneidade quanto na lógica de replicação de configurações de estudos anteriores.

Entretanto, as próprias críticas oferecem oportunidades de avanço para a abordagem das configurações. Uma discussão acerca do desenvolvimento e teste de teorias via essa perspectiva pode conduzir a formulação de diversas respostas aos críticos dessa escola de pensamento.

Outro ponto a se considerar é a necessidade de mais investigações empíricas com amplitude temporal longitudinal para se colocar em teste a idéia dos saltos quânticos de uma configuração para outra, pois, talvez em virtude das dificuldades de realização de um estudo dessa envergadura a idéia de transformação, tão cara a essa abordagem, tem permanecido restrita a uma discussão puramente teórica.

No que concerne às alternativas para enfrentamento dos principais desafios metodológicos que se impõem a essa abordagem destaca-se, como colocado por Miller (1996, p. 505) a necessidade em se estudar “configuração como uma variável ou qualidade dentro de cada organização que pode criar ou destruir vantagem competitiva”. Métodos mistos de investigação e, sobretudo qualitativos devem ser colocados em execução para melhor compreender de que forma elementos que são interdependentes e que formam as configurações operam na dinâmica organizacional.

Em complemento, ressalta-se que a maioria dos estudos sobre configurações na área de empreendedorismo não observam a essência do campo, a ação

empreendedora, principalmente em função da aplicação de métodos de natureza quantitativa para a coleta de dados.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, S. A.; BARNEY, J. B. Discovery and creation: alternative theories of entrepreneurial action. **Strategic Management Journal**, n. 1, p. 11-26, 2007.

BRUYAT, C.; JULIEN, P. A. Defining the field of research in entrepreneurship. **Journal of Business Venturing**, v. 16, p. 165-180, 2000.

CARLAND, J. W.; HOY, F.; BOULTON, W. R.; CARLAND, J. A. C. Differentiating entrepreneurs from small business owners: a conceptualization. **Academy of Management Review**, v. 9, n. 2, p. 354-359, 1984.

CARROLL, G. R.; KHESSINA, O. M. The ecology of entrepreneurship. In: ALVAREZ, S. A.; AGARWAL, R.; SORENSON, O. (Eds.). **The handbook of entrepreneurship: disciplinary perspectives**. Berlin: Springer-Verlag, p. 167-200, 2005.

COVIN, J. G.; SLEVIN, D. P. Strategic management of small firms in hostile and benign environments. **Strategic Management Journal**, v. 10, n. 1, p. 75-87, 1989.

COOPER, A. C.; DUNKELBERG, W. C. Entrepreneurship and paths to business ownership. **Strategic Management Journal**, v. 7, n.1, p. 53-68, 1986.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CRUBELLATE, João M.; GRAVE, Paulo Sérgio; GIMENEZ, Fernando Antônio Prado. Estratégia como Configuração: uma Versão Construtivista da Estratégia em Organizações. In: ENANPAD - ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 29., 2005, Brasília/SF. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2005.

DAS, J. P. Planning and decision making: beware of emotions and illusions. **Journal of Entrepreneurship**, v. 17, n.1, p. 1-14, 2008.

DAVIDSON, P. **The entrepreneurship research challenge**. Massachusetts: Edward Elgar, 2008.

DAVIDSON, P. **Research entrepreneurship**. New York: Springer, 2004.

FISS, P. C. A set-theoretic approach to organizational configurations. **Academy of Management Review**, v. 32, n. 4, p. 1180-1198, 2007.

HANSSON, A. The wealth tax and entrepreneurial activity. **Journal of Entrepreneurship**, v. 17, n. 2, p. 139-156, 2008.

HWANG, H.; POWELL, W. W. Institutions and entrepreneurship. In: ALVAREZ, S. A.; AGARWAL, R.; SORENSON, O. (Eds.). **The handbook of entrepreneurship: disciplinary perspectives**. Berlin: Springer-Verlag, p. 201-232, 2005.

KORUNKA, C.; FRANK, H.; LUEGER, H.; MUGLER, J. The entrepreneurial personality in the context of resources, environment, and the startup process - a configurational approach. **Entrepreneurship Theory and Practice**, fall, p. 23-42, 2003.

LYON, D. W.; LUMPKIN, G. T.; DESS, G. G. Enhancing entrepreneurial orientation research: operationalizing and measuring a key strategic decision making process. **Journal of Management**, v. 26, n. 5, p. 1055-1085, 2000.

MEYER, A. D.; TSUI, A. S.; HININGS, C. R. Configurational approaches to organizational analysis. **Academy of Management Journal**, v. 36, n. 6, p. 1175-1195, 1993.

MILLER, D. Configurations of strategy and structure: towards a synthesis. **Strategic Management Journal**, v. 7, n. 3, p. 233-249, 1986.

MILLER, D. The genesis of configuration. **Academy of Management Review**, v. 12, n. 4, p. 686-701, 1987.

MILLER, D. Configurations revisited. **Strategic Management Journal**, v. 17, n. 7, p. 505-512, 1996.

MILLER, D.; FRIESEN, P. H. Archetypes of strategy formulation. **Management Science**, v.24, n. 9, p. 921-933, 1978.

MILLER, D.; FRIESEN, P. **Organizations: a quantum view**. New Jersey: Prentice-Hall, 1984.

MILLES, R.; SNOW, C. **Organization: strategy, structure, and processes**. New York: McGraw-Hill, 1978.

MINTZBERG, H. **The structuring of organizations**. NJ: Prentice Hall, 1979.

MINTZBERG, H.; AHLSTRAND, B.; LAMPEL, J. **Strategy safari**. New York: The Free Press, 1998.

MINTZBERG, H. Strategy formation schools of thought. In: FREDRICKSON, J. (Ed.). **Perspectives on strategic management**. Boston: Ballinger, p. 105-235, 1990.

NAMAN, J. L.; SLEVIN, D. P. Entrepreneurship and the concept of fit: a model and empirical tests. **Strategic Management Journal**, v. 14, n. 2, p. 137-153, 1993.

POPPER, K. R. **Conhecimento objetivo**: uma abordagem evolucionária. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

PUGH, D. S.; HICKSON, D. J.; HININGS, C. R. An empirical taxonomy of structures of work organizations, **Administrative Science Quarterly**, v. 14, n. 1, p. 115-126, 1969.

PUHAKKA, V. Effects of opportunity discovery strategies of entrepreneurs on performance of new adventures. **Journal of Entrepreneurship**, v. 16, n.1, p. 19-51, 2007.

RAMACHANDRAN, K.; RAY, S. Networking and new venture resource strategies: a study of information technology start-ups. **Journal of Entrepreneurship**, v. 15, n. 2, p. 145-168, 2008.

RUMELT, R. Theory, strategy and entrepreneurship. In: ALVAREZ, S. A.; AGARWAL, R.; SORENSON, O. (Eds.). **The handbook of entrepreneurship**: disciplinary perspectives. Berlin: Springer-Verlag, p. 11-32, 2005.

SHANE, S.; VENKATARAMAN, S. The promise of entrepreneurship as a field of research. **Academy of Management Review**, v. 25, n. 1, p. 217-226, 2000.

SHUKLA, P. WTO and survival of small-scale industry: the five myth entrepreneurial framework with case study of Rajkot diesel engine industry. **Journal of Entrepreneurship**, v. 13, n. 1, p. 69-92, 2004.

STEVENSON, H. H.; JARILLO, J. C. A paradigm of entrepreneurship: entrepreneurial management. **Strategic Management Journal**, v. 11, Special Issue, p. 17-27, 1990.

STOPFORD, J. M.; BADEN-FULLER, C. W. F. Creating corporate entrepreneurship. **Strategic Management Journal**, v. 15, n. 7, p. 521-536, 1994.

VEENKER, S.; SIJDE, P. V. D.; DURING, W.; NIJHOF, A. Organizational conditions for corporate entrepreneurship in Dutch organizations. **Journal of Entrepreneurship**, v. 17, n. 1, p. 49-58, 2008.

NOTAS

⁽¹⁾ Doutorando em Administração pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PUC-PR. Mestre em Administração pela Universidade Federal do Paraná - UFPR. Especialista em Marketing Empresarial (UFPR); e, Bacharel em Administração de Empresas pelas Faculdades Curitiba (UNICURITIBA). Professor do Grupo Educacional Uninter. E-mail para contato: crmaci.el.adm@gmail.com

⁽²⁾ Doutorando em Administração pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PUC-PR. Mestre em Administração pela PUCPR. Especialista em Desenvolvimento Gerencial e em Recursos Humanos pela Univel - Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Cascavel e

Bacharel em Administração pela UNICS Centro Universitário Católico do Sudoeste do Paraná . Atualmente é consultor técnico do Ministério do Desenvolvimento - Projeto PEIEX. E-mail para contato: eloi.damke@gmail.com

⁽³⁾ Doutoranda em Administração pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PUC-PR. Mestra em Administração pela Universidade Federal do Paraná - UFPR. Especialista em Gestão Empresarial pela Fundação Universidade Federal do Rio Grande (2004). Graduação em Administração pela Universidade Federal de Pelotas (2003). Professora do Grupo Educacional Uninter em cursos de graduação e pós-graduação presencial e à distância. E-mail para contato: caca.adm@gmail.com

Enviado: 04/09/2009
Aceito: 13/12/2009
Publicado: 30/12/2009